



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

VICENTE MOLINA NETO

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias
Número da entrevista: E-108
Entrevistado: Vicente Molina Neto
Nascimento: Não informado
Local da entrevista: ESEF/UFRGS
Entrevistadores: Leon Kaminski
Data da entrevista: 28/04/2005
Transcrição: Luanda Dutra
Conferência Fidelidade: Luanda Dutra
Copidesque: Marco de Carvalho
Pesquisa: Marco de Carvalho
Fitas: (01 fita) 108/01-A e 108/01-B
Total de gravação: 50 minutos
Páginas Digitadas: 16
Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel
Número de registro: 01940/2008/01
Número de registro da fita: 01940/2008/01
Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

MOLINA NETO, Vicente. *Vicente Molina Neto (depoimento, 2005)*.
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE -
ESEF/UFRGS, 2008.

Sumário

Envolvimento com a ESEF; envolvimento com o futebol; formação acadêmica; início da carreira como professor; coordenação do LAPEX, da pós-graduação; período como aluno: influência da ditadura militar, sistema de ingresso na ESEF, infra-estrutura; perfil dos alunos e professores na época quando aluno e depois como professor; divisão de turma por sexo; períodos de mudança na escola; pesquisa e extensão da ESEF; relacionamento entre docentes, alunos e funcionários da Escola; cotidiano da Escola; fatos pitorescos.

Porto Alegre, 28 de Abril de 2005. Entrevista com Vicente Molina Netto, a cargo do entrevistador Leon Kaminski, para o projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

L.K. - Bom professor, como iniciou seu envolvimento com a ESEF¹?

V.M. - Bom, a minha história com a ESEF começa em 72, quando eu faço o vestibular unificado. Houve, naquele ano, por força de seleção, dois ingressos. No primeiro era... Logo que o vestibular foi instalado, concurso vestibular unificado, o CVU², havia uma espécie de médias ponderadas no qual dividia os que iam entrar no primeiro semestre e os que entrariam no segundo semestre. Entrou no primeiro semestre, em torno de quinze, doze, quinze alunos, e, no segundo semestre, entrou um contingente muito grande, se não me engano, setenta alunos, uma coisa muito próxima do que entra hoje. Então aí começa a minha história com a ESEF. Eu entro na ESEF... Fui aluno aqui até julho de 75. Entrei... Fiz o vestibular unificado em 72 e fiquei aqui até 75, julho de 75. Depois logo na seqüência, no segundo semestre de 75, havia um programa que se chamava PRENEN³, que era formação de professores a título precário. Era um programa da secretaria da educação com o ministério da educação. O professor Linhares⁴ que, era o titular da disciplina de futebol de salão, nesse programa me convidou, por uma série de impedimentos de seu horário, para dar aula nesse curso. Então foi nesse segundo semestre, em agosto, eu comecei a dar aula de futebol de salão para o curso de formação de professores à título precário. Há uma ruptura, termina o curso, eu saio. Era um contrato fechado e vou para o mercado de trabalho. E vou voltar em 76 a fazer um curso de especialização aqui, que foi uma espécie de nivelamento para o mestrado. Foi coordenado pela professora Lenêa Gaelzer, que na verdade não chegou a... Houve o curso, mas ele não se concretizou. Como o mestrado não se configurou naquela época, nós ficamos como título de especialistas. Era especialista em educação física, saúde escolar e recreação. Gozado esse título, não é? Depois eu voltei em 78, fiz mais um curso, mais um ou dois cursos de especialização, um

¹ Escola de Educação Física

² Concurso Vestibular Unificado

³ Programa de Extensão. Mecanismo instituído pelo Decreto nº 63.914, de 26/12/68, para coordenar a execução do programa elaborado pela equipe de Planejamento do Ensino Médio (EPEM), criada no MEC, em 1965, com a finalidade de trabalhar em conjunto com os Estados interessados em expandir e reformular a estrutura do ensino médio

⁴ Paulo Ubirajara Linhares

em natação e outro em futebol e segui para o mercado de trabalho. E aí fiquei até... Quando saiu o concurso em 1980 e 1989, eu me inscrevi para disciplina de futebol. Passei e retomei o meu contato com a ESEF. O importante disso tudo é que, desde que iniciou o meu contato com a ESEF em 72, em alguns momentos mais, em outros menos, eu sempre tive algum contato, com a ESEF ou com alguns professores, com alguns colegas, que ensinavam aqui, que ficaram de... Mas é isso. O meu contato com a ESEF começa por aí.

L.K. - Chegou a exercer algum cargo de direção, coordenação, de algum setor da Escola?

V.M. - Da Escola? Eu fui... Quando eu fui fazer... Quando eu entrei, comecei a dar as aulas de futebol, dava aula de futebol fundamentos. A partir de 89, dei aula de futebol fundamentos, futebol técnicas avançadas e futebol técnicas de ensino. Segui trabalhando nessa disciplina. Depois o professor Moraes⁵ que, era o coordenador da comissão de graduação na época, que se chamava comissão de carreira, me pediu para dar a disciplina que se chamava planejamento e administração da educação física e dos esportes. Uma espécie de gestão desportiva. Eu tinha alguma experiência nisso e então também acumulei essa disciplina. As disciplinas de futebol e mais as disciplinas, essa disciplina. Logo em seguida eu comecei a acumular as três disciplinas. Eu comecei... Eu abri mão das técnicas de ensino e as técnicas avançadas no futebol e comecei a ensinar futebol fundamentos, essa disciplina planejamento e administração da educação física e assumi uma turma de estágio também. Sempre tive, aqui dentro da ESEF, muita carga horária também, com graduação e pós graduação. Aí fui fazer o doutorado. Quando eu fui fazer o doutorado, já estava prestes a terminar, o professor Antônio Guimarães⁶, Antônio Carlos Guimarães, concorreu a direção da ESEF. Então na época estava em... Isso foi em, se não me engano, noventa e... Ele concorreu em 96 e assumiu em 97. A eleição de 96... Então eu já estava terminando o meu doutorado em Barcelona⁷ e ele me telefonou um dia, uma ou duas vezes, me telefonou, se eu gostaria de assumir o cargo de coordenador do LAPEX⁸. Eu disse que sim, porque naquele momento eu tinha bastante convicção no projeto político pedagógico que o grupo liderado pelo professor Guimarães pretendia colocar [palavra inaudível]. Então eu aceitei colaborar, coloquei meu nome a disposição e assumi a direção do LAPEX. Assumi

⁵ Luiz Fernando Ribeiro Moraes

⁶ Antonio Carlos Stringhini Guimarães

⁷ Cidade da Espanha

⁸ Laboratório de Pesquisa do Exercício

a direção do LAPEX por... Foram seis meses, em julho de 97 mesmo, julho ou agosto de 97. Agora a data não me lembro. Por questões de alguma divergência entre a condução da política institucional, eu me afastei do LAPEX. Depois em junho de 98, assumi a coordenação do programa de... Fui eleito coordenador do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, o mestrado. Nesse lugar, eu fiquei até 2002. De 98 a 2002 eu fui o coordenador do programa de pós-graduação. No ano 2000, eu estava na coordenação. Nós implantamos a comissão de pós-graduação na época. Nós implantamos o doutorado. Então, fui de certa forma assim, o primeiro coordenador do doutorado da ESEF. Não sei que relevância tem isso, mas só como fato histórico é importante registrar.

L.K. - Bom, como aluno, o professor teve envolvimento com o movimento de base, estudantil, docente?

V.M. – Não. Como estudante na verdade, nos anos 70, a gente estava saindo daquela... Eu estava pegando os momentos mais duros. Teve os atos institucionais, no final dos anos 60, a reforma universitária e, quando nós entramos aqui na ESEF em 72, na verdade, a atividade política não era muito incentivada, A ideologia que, vamos dizer assim, estava presente era que o estudante universitário fizesse a sua formação da melhor forma possível e entrasse logo em seguida no mercado de trabalho. Até havia aquela ideologia, “esse é um país que vai para frente”. Então o universitário, depois da repressão do movimento de 64, passou algum tempo - de maneira geral eu estou falando - com pouco envolvimento na política. Havia o diretório acadêmico. Eu participava de alguma ou outra atividade escolar, mas a atividade, não era uma atividade política, nossa atividade era mais no sentido sócio recreativo, esportivo, alguma coisa assim, mais nessa linha, do que propriamente aquela atividade política mais militante, desenvolvimento de base, resistência a ditadura, aquelas coisas assim. Na ESEF... Na época que nós... Que eu estive aqui, era muito fraco esse movimento. Praticamente as coisas não chegavam aqui e havia todo um conjunto de incentivo para que exatamente isso, dentro da ESEF... Não se metesse com isso. Então, o bom aluno da ESEF, era aquele cara que não... É politicamente neutro. Enfim, eu não posso dizer assim que tive uma atividade política de base, de movimento estudantil forte. Ela foi muito, sempre muito periférica, de ir nas passeatas. Mais na força, no corpo de militantes, mas nunca... Sem atividades de construir o movimento. A gente participava das

passatas, nós íamos lá para a praça da Alfândega⁹, para a frente da prefeitura gritar, mas muito mais liderados por outros estudantes de outros diretórios. Eu não me lembro se naquela época era o DCE¹⁰ ou quem é que eles mobilizavam. Então a gente... Mas não era uma atividade que tivesse um reconhecimento ou que houvesse uma formação política determinada para eles. Então a minha militância era muito periférica, como força de ir no conjunto. É, como dizem, segurar no pau da bandeira.

L.K. - Então nessa questão do movimento estudantil, tu chegou a conhecer Paulo Holler Back¹¹?

V.M. – Não. Ele é mais antigo do que eu. Quando eu entrei aqui, o nome do diretório já era esse. Não cheguei a conhecer não, mas se ouvia falar muito, que era um aluno brilhante. Fazia tudo muito bem. Era o que diziam quando eu entrei aqui.

L.K. - É um dos mistérios da ESEF [risos]. Então um pouco agora na questão quando tu entrou na ESEF, como que era a estrutura da escola? Sofreu modificações durante esse período que tu entrou, dessa questão quanto aluno, depois como professor?

V.M. - Quando nós entramos em 72, nós entramos com... A minha turma... Depois veio novamente esse período... Mas naqueles anos 70, foi a última turma, se não me engano, que teve as provas práticas para ingresso na ESEF. O que estou querendo dizer com isso? Depois ela passou um tempo sem ter, por causa... Sem acontecer por causa do vestibular unificado. Depois houve um tempo que elas retornaram, não sei se final dos anos 70 ou início dos anos 80. Depois voltaram a cair a prova, a chamada prova prática. Então como nós fomos, nós fizemos para entrar aqui? Arremesso de pelota, ritmo, prova de natação, prova de corrida de fundo, salto em altura, salto em distância. Era uma série de provas. Era interessante porque havia... Quem cuidava das provas práticas eram os alunos veteranos e havia uns cursinhos que os alunos veteranos davam para aqueles caras que queriam entrar na ESEF. Eu acho que, pelo fato de ter jogado futebol e ter uma vida bastante movimentada em termos de prática esportiva, mesmo sem ser atleta de alta performance, eu nunca precisei, quer dizer, não precisei fazer esse curso, mas eu me lembro que tinha.

⁹ Praça da Alfândega, denominação recebida em 28 de maio de 1979.

¹⁰ Diretório Central de Estudantes

Então, quando nós entramos aqui, a ESEF toda, era preparada exatamente para que o sujeito aprendesse as técnicas corporais. Mas eram instalações muito precárias. Para ti ter uma idéia, hoje essa pista... O tempo que nós entramos em 72, essa pista não existia. Ela começou a ser terraplanada em 74, se não me engano, uma coisa assim. Começaram, eu não me lembro se a memória, agora eu não me lembro quando é que ela foi inaugurada. Mas nós fazíamos atletismo ali onde estão as salas de aula hoje. Tinha um pequeno campinho de futebol sete e havia uma pista circular em torno dele de 200 ou 250 metros. Era uma coisa muito simples, era de carvão, era algo. E o Cassel¹², o professor Mário Cassel, o Milton Cunha¹³ e o Carioca¹⁴, se eu não me engano, eles davam aula de atletismo. E o professor Fredolino¹⁵. Então eles davam aula de atletismo e a gente fazia ali. Ali também havia algumas aulas de futebol, era utilizado para aulas de ginástica. Era uma instalação muito precária e aqui, onde está o diretório em linha reta assim, isso aqui estava um terreno somente terraplanado. Não havia nada. O que havia da ESEF era esse ginásio aqui onde nós estamos e aquele centro, aquela parte ali do centro administrativo. O resto não existia nada. Daqui para cá, dessa parede, aqui pra lá, não existia nada. Havia, onde está o LAPEX, existiam quadras de tênis. Aquele prédio do LAPEX novo eram três ou quatro quadras de tênis de saibro e na frente, onde tem as salas de aula, era a pista essa. Na frente, onde hoje está localizado o refeitório dos funcionários, aquele do lado do PET¹⁶, tinha um tanque que, se eu não me engano, era 16 por 8 ou uma coisa assim. Aquilo ali era um tanque, eu não me lembro daí qual era a dimensão daquilo. Tinha uma certa para o... E a gente fazia aula de natação ali e era isso que tinha. O diretório acadêmico era aqui, antes onde existia o LAPEX. O LAPEX é de 75, 76 quando começa a ser instalado aqui. Começam a chegar as primeiras esteiras e a gente subia essas escadinhas e onde está a secretaria... Não, ali já tinha fechado. Mas acho que por aqui havia um barzinho que a gente subia a escada, para [palavra inaudível] no diretório acadêmico. Aqui já foi o diretório acadêmico e agente ficava por aqui, fazendo... Algumas vezes fazendo... Pensando algumas coisas e, na maioria do tempo, não fazendo nada. E claro, às vezes estudando também. Então eram muito precárias as instalações. A biblioteca era ali onde é a sala de rítmica, a pós-graduação e as duas salas. Aquilo era tudo dividido em pequenas

¹¹ Paulo Hollerbach, nome do Diretório Acadêmico da ESEF

¹² Mario César Cassel

¹³ Mílthon José Cunha

¹⁴ Paulo Gilberto de Oliveira

¹⁵ Fredolino Adalberto Ricardo Taube

salas com divisórias, que as aulas eram ali, eram umas divisórias de madeira. Muitas vezes um professor estava dando aula, daqui tu ouvias o que acontecia na aula do lado. Tinha um conjunto e a biblioteca era lá em cima. Era uma biblioteca também muito precária, com livros, manuais. Embora fosse uma biblioteca avançada para o conjunto, ela não era nenhum arremedo do que é a nossa biblioteca hoje. Praticamente, esses livros que estão agora aqui no CEME¹⁷, tirando as doações, eram muitos livros que o professor Targa¹⁸ - que era o diretor da época - trazia e colocava a disposição da biblioteca. Alguma coisa do MEC¹⁹ também, mas, por exemplo, em termos de revista, só tinha uma revista, que era, se não me engano, era a revista Stadium²⁰. Era uma revista editada na Argentina. Chegava até aqui, mas era mais por doação dos professores do que... Era uma coisa muito romântica o ensino. E pesquisa praticamente não existia. A pesquisa começa com 76 ou 75. 76 com o início do LAPEX, com a medição das dobras cutâneas. Isso é o início da pesquisa [riso]. Aqui se media dobra cutânea de tudo quanto era jeito, era engraçado até. Mas, na nossa época, era científico aquilo, era... Tu vê, era e continua sendo. Mas isso quer dizer que era a moda científica da época. Era medir VO₂²¹ na esteira, aquela antiga que está lá no LAPEX e dobra cutânea. O resto não existia nada e era uma minoria que fazia. Então por isso que eu posso, vamos dizer assim, concluindo, eu digo que as instalações eram muito precárias.

L.K. - Qual, digamos, quando tu entraste, qual era o perfil dos alunos da época? Socioeconômicos.

V.M. - Os alunos eram basicamente de, eu diria assim, classe média-baixa, porque... E era aquele perfil assim do sujeito que tinha alguma afinidade com algum esporte. Era um sujeito que já tinha uma vivência esportiva em algum lugar, em alguma instituição e que então, vinha para a Escola de Educação Física para legitimar esse perfil que ele já tinha e adquirir um pouco mais. Naquela época, a gente era preparado para ser técnico desportivo, ir para as escolas formar times, mas eu diria assim, perfil sócio-econômico, cultural, eu diria que, pelo menos a minha turma, ela estaria de classe média baixa para baixo. Um que

¹⁶ Programa de Educação Tutorial

¹⁷ Centro de Memória do Esporte

¹⁸ Jacintho Francisco Targa

¹⁹ Ministério da Educação e Cultura

²⁰ Nome sujeito a confirmação

outro assim, que tinha algum recurso que a gente via, que chegava de carro, mas a maioria era classe média baixa mesmo. Eu diria até... Não. Classe média baixa acho que está bem. Culturalmente era um pessoal, vamos dizer assim, mais afeito a essa cultura desportiva. Não sei, não tenho muita referência para dizer assim qual é o perfil cultural, mas eram mais, em sua maioria, era gente ligada à cultura esportiva. Um que outro, tocava um violão ou fazia parte de algum grupo de teatro, tinha assim uma. Acho que é isso.

L.K. - E depois quando retornaste como docente?

V.M. - Eu acho que mudou bastante, pelo menos do aluno. Eu já... O que a gente observou que o aluno já vem, vamos dizer assim, com nível de informação maior. Era um aluno mais esclarecido, porque eu me lembro que, na época que eu entrei, teve muito cara que entrou para a educação física porque não sabia bem para que, o que queria fazer. Depois, quando eu comecei a dar aula aqui, a gente já via alguns alunos com muita informação, com um nível cultural bastante alto, não só aquele vinculado a cultura esportiva, mas com outras possibilidades. Vi alunos brilhantes aqui, não só no aspecto esportivo, mas de uma maneira geral.

L.K. - E o perfil de professores nesses períodos também?

V.M. - Bom, o perfil dos professores eram correspondentes ao que se exigia na época dos professores de educação física. Eram pessoas que dominavam muito bem as especificidades das suas disciplinas. Então assim, o professor de natação era um exímio nadador, o professor de ginástica era um eximo ginasta. Eram pessoas que dominavam muito bem a sua especificidade, a especificidade do seu conhecimento, do conhecimento específico da sua disciplina, a maioria eu diria. Mas alguns, do ponto de vista didático, eram muito ruins, do ponto de vista pedagógico. Talvez é claro, eles estavam dentro de um contexto e a gente tem que entender. Eram boas pessoas, mas era naquela relação pedagógica ainda, vamos dizer assim, assimétrica. Ou seja, o professor está num patamar e os alunos vem... Então tem uma série de... Alguns professores tinham uma conduta, umas atitudes bastante diretivas e [palavra inaudível] havia professores muito bons também, do ponto de vista pedagógico. Eu diria que a maioria, tentando botar numa vala comum,

²¹ Consumo de Oxigênio

fazendo uma generalização, eu poderia dizer isso, que os professores eram exímios conhecedores da especificidade da sua disciplina e deficiente, do ponto de vista político pedagógico. Essa é a definição que se pode fazer, uma generalização grosseira.

L.K. - E isso mudou?

V.M. - Eu acho que mudou. Hoje, por exemplo, a gente tem professores que são brilhantes no ponto de vista da especificidade, conhecimento da sua disciplina e também conseguem uma relação político pedagógica bastante boa com os alunos. Hoje, vamos dizer assim, aquele sujeito que sabe muito da sua disciplina e, pedagogicamente ou didaticamente, ou político pedagógico deficiente, é uma raridade. É um que outro. Ele é destoante, é uma posição destoante. Eu diria que a maioria está nesse patamar, com boa formação político pedagógica para se relacionar com aluno. Eu acho que isso mudou. Logo eu sou suspeito para falar, porque estou nesse conjunto. Mas quero dizer que, por exemplo, os professores que eu tive aqui foram bons professores e aprendi muito com eles, aprendi muitíssimo com eles. Não só... Claro, um que outro a gente sempre descarta, mas eu tive bons exemplos aqui de professores.

L.K. - As turmas, as disciplinas oferecidas naquela época, a questão de divisão por gênero, essas questões também?

V.M. - É, nós tínhamos assim, a turma, nós tínhamos uma...

[FINAL DA FITA 108/01-A]

V.M. - Na verdade tinha a turma A e a turma B, que eram cada uma com um conjunto de trinta, trinta e poucos alunos. E nessas turmas claro, com meninos e meninas, nas aulas teóricas, por exemplo. Teóricas não. Perdão, estou equivocado. Nas aulas de conteúdo, com predominância do caráter intelectual, disciplinas de caráter mais abstrato. Então essas nós tínhamos as disciplinas juntos, numa mesma turma. Por exemplo, eu era da turma 21, se não me engano, e a outra turma A, então nós tínhamos, por exemplo, anatomia, e as disciplinas lá dos biomédicos, as didáticas. Então nós tínhamos um conjunto e tinha algumas disciplinas que eram essencialmente masculinas. Por exemplo, o futebol, as lutas,

judô, box e remo. Havia um conjunto de disciplinas masculinas e um conjunto de disciplinas femininas. Ginástica, ginástica rítmica, todas essas, as expressivas, do conjunto das expressões corporais e da ginástica rítmica, dança e outras eram do feminino. E todas assim... Por exemplo, o voleibol era dividido masculino e feminino, os esportes, basquete masculino e feminino. Então tinha a turma dos meninos, tinha a turma das meninas. Era um professor para os meninos, um professor para as meninas. A turma era a mesma, mas, por exemplo, basquetebol feminino quem dava era a professora Diva Santiago²² e quem dava para o gênero masculino era o professor Cleomar Pereira Lima²³. Depois veio o professor Escobar²⁴ dar basquete masculino. O futebol era só masculino. Então havia um, vamos dizer assim, um direcionamento curricular para os meninos e um direcionamento curricular para as meninas. E a minha turma foi a primeira turma que teve, foi em caráter experimental, que teve ginástica rítmica misturado. Quem deu as primeiras aulas foi a professora Zaida²⁵, depois a professora Morgada²⁶. Então nós tivemos a primeira experiência e foi muito interessante. Eu me lembro que, a partir daquele momento, as coisas começaram, as meninas começaram a entrar no judô e começou a vir um grupo de meninas fazer remo. As coisas começaram a mudar naquele período, mas eu diria assim, no primeiro, segundo e terceiro semestre, qual foi, setenta e final de 72, todo o ano de 73 e início de 74 o currículo era esse. Mas, a partir daí, a gente começou... As novas turmas que foram entrando, com o vestibular unificado - que aí também já não tinha mais exame, a prova de física, a prova prática, aliás - a gente começou com essas coisas que começaram a mudar. Então, algum grupo de meninas começaram a fazer judô, um grupo de meninas começou a fazer remo, começaram a ocupar lugares no... Não nas disciplinas. Isso veio depois, mas primeiro houve um grupo de meninas que, ou pediram para o monitor ou o professor mesmo abriu um tempo especial, para atendê-las. Enfim. E também algumas meninas começaram a jogar basquetebol ou vôlei, se não me engano, junto com os meninos.

L.K. - Tu chegou a passar por um período que tivesse algum processo, alguma dificuldade de processo, de mudanças aqui na escola?

²² Diva Santiago Corrêa

²³ Cleomar Antonio Pereira Lima

²⁴ Acely Stroher Escobar

²⁵ Zaida Antunes Sisson

²⁶ Morgada Assumpção Cunha

V.M. - Como assim?

L.K. - Mudança de algum perfil ou de um... Como essa que tu falou, que começou a mudar, a questão de gênero ou outra modificação?

V.M. – É. O que aconteceu? Com a... Eu acho que a ESEF... Depois dos anos, no final dos anos 70, houve vários concursos para os professores e ela começou a mudar esse perfil, acompanhou, de certa forma, as mudanças que a educação física foi sofrendo em nível nacional. Então isso tudo que a literatura, da história da educação física, da reflexão crítica que foi feita nos anos 80, que se passou, aconteceu aqui na Escola de Educação Física e eu não sou a melhor testemunha para isso, porque eu passei um tempo fora. Mas a gente começou a observar que havia... A ESEF começava a mudar, a pesquisa começou a captar um novo perfil de alunos. Os alunos começaram a ter outros interesses que não eram, que não era só dar aulas de educação física nas escolas. Mas também havia outras possibilidades, isso os professores e alunos também. E a Escola começou também a mudar, vamos dizer assim, começou a estrutura orgânica, estrutura administrativa. A pista de atletismo ficou pronta, ela começou a se relacionar melhor com outros órgãos de gestão de esporte, educação física, mas eu não sou a melhor testemunha para isso, até porque eu já estava fora, já tinha me formado em 75. Em 76 eu ainda estava aqui em curso especialização, mas a gente via assim, que, por exemplo, os professores da ESEF começaram a sair fora do país para fazer curso de pós-graduação, mestrado e doutorado. Mestrado basicamente. Isso eu sei, mas, nesse ponto, começo a observar de longe esse movimento.

L.K. - E a participação em pesquisa, ensino e extensão?

V.M. - Bom, como eu te disse, a pesquisa até o... Antes do... Com certeza pelo menos... Eu posso ser ignorante e desinformado, mas eu creio que, na Escola de Educação Física, antes de 75, ela não existia. Ela começa a existir a partir de 75 ou 70, nesses, eu não sei, por esses lados bem a data, mas ela começa a se realizar com o Laboratório de Pesquisa do Exercício. Tanto é verdade que, em 1969, saiu em 1970, se não me engano, aquele diagnóstico da educação física do Brasil do Lamartini Pereira da Costa. Foi estudo em todas as universidades, uma pesquisa de caráter nacional. Nessa pesquisa, nesse

levantamento, ele faz uma constatação: até aquele momento não há pesquisa nas Escolas de Educação Física, não há intercâmbio. E a medicina esportiva que, era o padrão de pesquisa, ela é muito rudimentar. São afirmações do professor Lamartini. Esse livro tem na biblioteca, mas nesse livro mesmo, ele começa a antecipar a criação de alguns laboratórios de pesquisa do exercício e ele diz lá que isso poderá alavancar a pesquisa na educação física. Que de fato veio a ocorrer. Então era isso. Quando começa a chegar as esteiras, o compasso para medir dobra cutânea... Todos esses materiais aí, eles começam a chegar e o pessoal começa... Eu me lembro que em 76 houve aqui em Porto Alegre, o JEBS²⁷. Então tivemos estudantes do Brasil todo e a Escola de Educação Física ficou encarregada de medir indicadores de aptidão física desses estudantes. Muito o que se faz hoje, que a gente acha que é novidade, na verdade não é novidade. Então, nesses parâmetros... Claro eram outros parâmetros. Hoje se vê outros parâmetros, mas sempre há essa idéia e fazer uma ampla investigação só para estabelecer parâmetros de aptidão física. Em 76 os estudantes, vários estudantes dos jogos escolares brasileiros vieram para cá e nós fizemos, eu não participei disso, mas a comunidade da ESEF se envolveu com dobras cutâneas e medição de VO₂ máximo desses estudantes. Então começa a pesquisa aí e isso vai... A história do Laboratório de Pesquisa do Exercício, dentro da ESEF, vai ser um organismo científico. Tem uma história que a professora Janice²⁸ já escreveu que, algumas coisas eu me lembro, outras não, mas eu me lembro que quem capitaniava isso, por exemplo, era o médico Eduardo De Rose²⁹. Ele que capitaniava esse negócio. Muito dos professores que estão aí hoje, são formados por ele. Foram, tiveram a sua formação pessoal e acadêmica influenciadas por ele. E, a partir daí, esses professores vão fazer cursos fora, aí começa [palavra inaudível]. É isso que tu já sabe hoje. E que chega hoje no nosso dia que é uma instituição fundamentalmente voltada para a pesquisa.

L.K. - E a extensão?

V.M. - Extensão havia aqui por... Eu não me lembro. Os projetos eram muito tênues, muito sem grandes, com pouca significância. Porque aqui naquela, na piscina aqui, não dava para fazer nada naquela época. Era só as aulas mesmo. A gente morria de frio, o professor morria de frio e era as [palavra inaudível] e as instalações não permitiam. Havia algum

²⁷ Jogos Escolares Brasileiros

²⁸ Janice Zapellon Mazo

grupo de executivo que eles chamavam que - eu não sei, se eu não me engano, quem coordenava era o professor Fortuna³⁰ que, naquela época ele já estava ligado com o pessoal do laboratório - havia um grupo que se chamava ginástica para executivos. Acho que era aquilo ali que tinha. Alguma cedência da quadra de basquetebol e havia também um grupo, agora estou me lembrando, havia um grupo que era liderado pela professora Morgada que era um grupo de dança. Um grupo muito bom com alunos e ex-alunos da ESEF. O resto eu não me lembro de ter conhecimento. Futebol não havia e não havia esse esquema de escolinhas desportivas.

L.K. - Como que era o relacionamento professores, estudantes, funcionários e direção?

V.M. - Bom, os professores sempre foram, vamos dizer assim, os protagonistas privilegiados. Havia alguns professores que faziam questão de manter a sua distância, uma certa distância dos alunos naqueles anos 70 por aí. E havia outros que eram mais próximos dos alunos. Mas essa era o mais raro, a maioria se caracterizava [palavra inaudível] por essa distância. Claro que havia alguns alunos, alguns estudantes que se relacionavam melhor com um professor do que outro. Embora, acho que é isso que é importante relativizar. Embora eles mantivessem essa relação professor-aluno bem marcado, eu diria que, no contexto da universidade dos outros institutos, ela era bem mais suave. Era uma relação que poderia, se é que poderia dizer, bem próxima até. Mas [palavra inaudível] nós tínhamos alguns professores que mantinham essa relação. Os funcionários não. Os funcionários, tradicionalmente, sempre foram muito... Sempre houve uma boa relação com os alunos. Alunos e funcionários, pelo menos no meu tempo, era uma relação muito boa. Eu sempre tive muito boa relação com os funcionários. Os funcionários nos ajudaram muito. Como diz, as vezes os professores criavam uma determinada situação e os funcionários nos ajudavam a resolver. Eu me lembro de vários funcionários, [palavra inaudível] o que a gente conhecia pelo nome, quer dizer [palavra inaudível] pelo nome, mas a gente tinha muita relação, muito próximo. Belíssimas pessoas, bons amigos e a gente gostava muito deles e isso em geral com os alunos, esta relação. Com a relação dos professores com os funcionários, eu não posso dizer muito. Mas a relação com os funcionários, professores, dos estudantes com os funcionários era melhor que a relação

²⁹ Eduardo Henrique De Rose

³⁰ Newton Fernando Fortuna

com os professores. Talvez porque os professores tivessem um volume de trabalho muito grande ou trabalhassem em outros lugares também. Porque essa questão da dedicação exclusiva é um fato recente. Antes os professores trabalhavam aqui na ESEF, mas tinham, davam aulas em colégios estaduais também, tinham outros, outros bicos. E era perfeitamente aceito. Hoje não. Hoje que tem essa... Então talvez os professores viessem aqui na Escola para dar aula, não tinha muito lugar onde os professores ficassem. Havia uma sala de professores com uma mesa de reuniões e era isso que tinha para os professores, ou sala de aula. Então eles vinham, muitos deles vinha, dava a aula e ia embora.

L.K. - E depois como docente?

V.M. – Não. No meu caso eu acho que a minha relação com os alunos é muito boa. Eu consigo estabelecer boas relações, algumas de amizade bastante sólida, mas eu acho que ainda tem... Nós temos professores que tem essa relação marcada com o aluno. Como diz aí a brincadeira de alguns “PHDeuses”. E o resto da... Mas eu consigo me... A minha relação com os alunos é muito boa. Com os funcionários a minha relação é boa com a grande maioria, eu diria. Não é tão boa com alguns setores como os lá dos alunos. Mas se eu tivesse que classificar com quem tu te relaciona melhor: funcionário ou aluno, estudante, eu diria que eu me relaciono melhor com estudantes, apesar de endurecer com os estudantes. Eu não tenho tratamento diferenciado, mas eu sinto que o meu diálogo... Agora, por exemplo, um conjunto de funcionários que eu me dou muito bem e outro não tão bem. Então eu diria isso, não sei qual é... Não tem uma explicação muito profunda sobre isso, mas é o que acontece. Eu sinto, por exemplo, essa é a minha percepção. E com os professores eu me dou relativamente bem, com um número significativo e tem alguns professores que eu não tenho nenhuma relação de profissional e pessoal. Porque claro, hoje tem um patamar, eu diria patamar, mas acho que hoje essas questões internas das universidades, com essas questões político pedagógicas muito bem marcadas aqui dentro, então a gente sabe. Há pessoas com que tu te da melhor, tem possibilidade e outras não. Mas eu não fico triste por causa disso. Eu acho que isso é perfeitamente natural.

L.K. - Podia nos dar um relato do cotidiano da Escola?

V.M. - Dos anos 70?

L.K. - Isso.

V.M. - Bom, vamos pegar as aulas. Elas começavam as sete e meia e era... Nós tínhamos turmas. Sou do tempo que nós tínhamos a turma A e a turma B. Todos os dias a nossa aula era das sete e meia à meia hora. Eram 5 períodos. A gente vinha as sete e meia... Nós tínhamos alguns professores... Era nos cobrado uniforme, principalmente, nos primeiros semestres. Havia uma cobrança bastante forte sobre os uniformes dos alunos. Nosso uniforme era calção preto, uma camiseta com o tempo da ESEF, um tênis e meia branca. Não tinha esse apelo que o tênis tem hoje na sociedade de consumo. Era um tênis normal e corrente. Naquela época, para se comprar um tênis, era de abrigo, tinha que se ter um conhecido que ia para a Argentina comprar e quando trazia um tênis 'adidas' todo mundo achava aquilo um espetáculo. Nós tínhamos esse uniforme, o calção preto, a camisa da ESEF e o abrigo, aquele tradicional que nós tínhamos azul marinho com as duas listras brancas. Esse abrigo deve ter um modelo dele aqui no centro de memória³¹. Então nós vínhamos, chegávamos na aula sete e meia e era uma aula [palavra inaudível]. Os professores cobravam bastante o horário. Se chegava atrasado, era falta, ou algum controle de frequência e o que era nos passado era a especificidade do conjunto das disciplinas. Então tinha aula de ginástica, tinha aula de natação, tinha aula de natação, basquete. Enfim, todas elas. E, nas quartas feiras, antes da aula das sete e meia quando a gente chegava - todos os alunos vinham as sete e meia, todo mundo tinha aula as sete e meia, não tinha assim... Por exemplo, hoje eu só tenho aula as nove e meia, não! Todos nós tínhamos aula as sete e meia até as onze e meia - mas nas quartas feiras as sete e meia ou era as sete e vinte, havia formatura. Então havia a formatura, os alunos ficavam formados em colunas por turmas. Era ali onde estão os mastros, no jardim, na frente desse ginásio aqui. Era feito o hasteamento das bandeiras com o canto do hino nacional e, às vezes, era o canto do hino nacional e o hino da ESEF, as vezes também era o hino nacional, do Rio Grande do Sul e o da ESEF. Então o professor Targa que, era o diretor - era feito assim do lado dos mastros - ele botava aquele estágio superior do plinto, sabe? Aquela parte de cima. De cima, um ou dois, ou duas caixas e ali ele subia e as vezes nos falava alguma coisa. Então esse dia era o dia da formatura. Depois que era feito isso, ele dava os avisos, cobrava coisas, às vezes

tinha uma reprimenda coletiva, dizia assim: “Olha precisamos cuidar da biblioteca, tem muitos livros rasgados”. Fazia uma espécie de discurso dessa: “Temos que cuidar o horário, tem muita gente chegando atrasada” e não sei o quê. Então fazia esses avisos assim gerais para a comunidade. Ele aproveitava esse dia da formatura que era as quartas feiras e se hasteavam as bandeiras. Depois ia para as aulas. Isso ficava o que? Até meio dia, não. Até meia hora. Meia hora você ia almoçar e já podia ir para casa estudar. Havia também, uma turma da tarde. Era uma turma que também passou no vestibular, ainda não sei se foi no vestibular unificado, que também estudava a tarde, que era um pessoal, se eu não me engano... Mário Brauner³² estudava a tarde. Então era um outro grupo, entende? Era como se fosse um colégio, turno da manhã e turno da tarde. Eu era do turno da manhã. As disciplinas eram práticas. A gente tinha um caderno, prática de todas as técnicas corporais basicamente.

L.K. - Tem algum fato pitoresco que tu possas relatar assim?

V.M. - Tem muitos assim, mas a [risos], alguns são impublicáveis. Não, nós tínhamos... O que era importante é o fato de nós pertencermos a uma turma. Isso fazia com que a gente, além de estudar e, de certa forma, azarar a vida dos professores, a gente se divertia muito. Se divertia aí com... Então havia os jogos inter-turnos daqui que eram sempre muito disputados. Hoje tem o inter-barras. O inter-barras que falam, eu não me lembro mais.

L.K. - É, faz tempo que já tem.

V.M. - É, mas nós, era assim, tinha as turmas, era inter-turmas. Então eram jogos muito disputados, havia muita paixão nisso. Isso são coisas que sempre me chamaram muito a atenção. Como nós nos divertíamos aqui na Escola. Era muito divertido cursar mesmo com o mau humor de algum professor ou outra coisa assim. Nós nos divertíamos muito. As aulas eram muito diver... Eram puxadas, porque a gente tinha que fazer as coisas tudo, mas eram muito divertidas. Então as histórias que eu conheço, já estão aí no [palavra inaudível]. Um vai passando para o outro, mas assim, não gostaria de destacar nenhuma porque talvez eu não consiga reproduzir com mais fidelidade. Mas isso eu me lembro. Que

³¹ Centro de Memória do Esporte (CEME)

³² Mario Roberto Generosi Brauner

era muito divertido estar na Escola de Educação Física. Por exemplo, uma coisa que... Nós temos natação no tanque. Quer dizer, isso já era uma praxe, todas as turmas fizeram isso. No inverno as aulas iam até... O professor espichava no primeiro semestre, espichava até começar o frio do inverno. Então às vezes havia, com o nosso clima, muita chuva e muito frio. Os alunos ainda... Tinha muito mito sobre essa questão. Levava algum, a bebida para o vestiário para ter coragem suficiente para entrar na piscina. Isso é alguma coisa assim, e também no inverno. Verão do segundo semestre, o professor de natação também procurava começar bem antes, possível. Às vezes em setembro dava aquelas quedas de temperatura e tu tinha que entrar na água. Então as aulas de natação sempre foram motivos de muitos fatos pitorescos. Foi bom, mas isso eu faço questão de frisar, mais uma vez. Na minha... Para mim, a Escola de Educação Física... Foi muito divertido estudar aqui naqueles anos, mesmo com as circunstâncias adversas que a gente tinha as vezes. É, isso eu posso dizer [riso].

L.K. - Muito obrigado professor.

V.M. - Não, se tiver alguma coisa depois que eu puder esclarecer.

[FINAL DO DEPOIMENTO]